

TEXTO No. 15: A VIDA DOS MORROS EM 1933

Natureza e data do texto (xerox em anexo):

Segunda parte do livro *Na Roda do Samba*, publicado em 1933. O autor, Francisco Guimarães, mais conhecido como Vagalume, era repórter musical e policial do *Jornal do Brasil*. Negro, filho de pais pobres, foi admitido como auxiliar de trem em 1887 na Estrada de Ferro D. Pedro II, sendo encaminhado ao jornalismo pelo famoso abolicionista negro Luiz Gama. Na primeira parte do seu livro, ele fala das origens do samba e ataca a sua comercialização. Eis um bom exemplo do seu propósito:

"O SAMBA é hoje uma das melhores indústrias pelos lucros que proporciona aos autores e editores.

Antigamente os sambas surgiam na Favela, no Salgueiro, em São Carlos, na Mangueira e no Querosene, que eram os 'morros-academias' onde se abrigavam os mestres do pandeiro (também chamado ADUFO) do chocalho, do reco-reco, da cuíca, do violão, do cavaquinho e da flauta.

Depois desciam à aprovação do povo do Estácio seguiam à consagração da gente do Catete. (...)

O QUE hoje há por aí, tem apenas o rótulo, é um arremedo de samba.

O que os poetas fabricam, são modinhas que estão longe do que, antigamente, escapando à classificação de samba, tinha a denominação de 'lundu'.

O samba, é irmão do batuque e parente muito chegado do cateretê; é primo do fado e compadre do jongo."

(...)

“2ª. PARTE – A vida dos morros

OS MORROS

Não há cidade no Brasil, que tenha mais morros que a nossa.

Existem cento e tantos, na terra carioca !

Os morros no Distrito Federal, são cheios de poesia e beleza e cada um tem a sua história, mais ou meno, empolgante, a sua lenda ou a sua fama.

(...)

Os morros onde nascem as chamadas academias de samba ou que constituem redutos de *bambas*, são capítulos especiais que vamos agora apresentar aos leitores.

Não houve preocupação de uma descrição minuciosa sobre o histórico de cada um, como *faria* Rocha Pombo de saudosíssima memória.

Damos apenas ligeiras impressões, ligando as suas relações com os bambas e os sambas.

Em cada um morro, escolhemos um cicerone.

Se o leitor quiser acreditar nele, fará muito bem e se não quiser acreditar, fará melhor ainda.”

(...)

“É interessante e curiosa a vida dos morros. Cada um deles tem a sua história e abriga a sua gente, especializada neste ou naquele mister, na roda dos que trabalham, dos que trabalham muito, afrontando as intempéries, sem que tenham um dia a compensação dos seus esforços, ao menos, com um simples sorriso da Felicidade ou um ligeiro aceno da deusa da Fortuna.

Há os que procedem de modo justamente contrário: - adeptos da *lei do menor esforço* - não fazem força... não trabalham e levam a vida folgadoamente, confiados na autoridade que a valentia lhes impõe ou nas suas habilitações - *na roda do samba*...

Os primeiros, se dedicam somente ao trabalho que nobilita o homem e os outros, ‘matam o tempo’, tentando a sorte na ‘orelha da sota’, como exímios que são no preparo de um ‘kagado’ ou arranjo de um ‘macete’.

Um baralho e um violão e um cavaquinho, uma harmônica, um pandeiro, um reco-reco, um chocalho, uma cuíca, chegam para garantir a zona...

Os ‘catedráticos’ dos morros são respeitados e se fazem respeitar.

São ágeis nas pernas e por isso heróis na batucada. Não fazem cerimônia de apertar o dedo no gatilho da F. N...

Para ser ‘catedrático’ e chegar a empunhar o ‘bastão de leader’, é preciso ser ‘bamba’ mesmo de verdade, porque, no dia em que ‘entregar os pontos’, e lhe rasgarem a ‘carta de valente’, ficará reduzido a ‘subnitrito de coisa nenhuma...’

VIVER NOS MORROS

Há quem diga que viver nos morros, é morar perto do Céu e ser vizinho de Deus, Nosso Senhor...

Deve ser assim mesmo...

Mas, havemos de convir que nem sempre os vizinhos nos agradam: uns são bons e se fazem excelentes amigos e outros são, como dizem os sertanejos - *cabras safados da peste*...

(...)

Há os que vivem nos morros, arrastados pela necessidade e há outros que, fora deles, a vida lhes seria tormentosa com o seu cortejo de misérias.

Para este, o morro é um Paraíso e para aqueles um Inferno.

Todos, porém, se confundem - *na roda do samba* - principalmente aos sábados à noite, entrando a batucada pelo domingo.

As noites de segunda e sexta-feira são geralmente destinadas aos segredos do fetichismo ou magia negra, na solenidade do candomblé...

Os morros sempre tiveram fama e os seus habitantes são orgulhosos de si mesmos e cada um preconiza o morro em que nasceu ou viveu ou reside.

Lá está o do

QUEROSENE

É de todos eles, o mais imundo e infecto.

Três ou quatro indivíduos de nacionalidade portuguesa tomaram-no de assalto, como se aquilo fosse 'gado sem dono...'

Construíram uns cochichos, verdadeiras 'arapucas' armadas 'a sopapo', com tábuas de caixões e cobertas de folhas aproveitadas das latas de banha e querosene.

Tais pardieiros que são alugados de 30\$000 a 60\$000 mensais, constituem verdadeiros atentados aos foros de uma cidade limpa, habitada por um povo civilizado.

Lá em cima não há ruas.

São picadas perigosíssimas, à noite principalmente, pela falta de iluminação.

Nos dias chuvosos, é uma temeridade chegar ao alto do morro.

Há subidas íngremes, dando passagem apenas a uma pessoa e deixando ver o medonho despenhadeiro !

Pelas picadas, à guisa de ruas existem valas abertas, que servem de escoadouro dos 'pardieiros'.

Quando a sol a pino, é insuportável o fétido despreendido de tais valas.

Há quem ache tudo isto um verdadeiro Éden e nos seus sambas chorosos, conte o Morro do Querosene desta forma:

Deixe eu viver somente aqui
A minha vida não envenene
Quero morrer onde nasci
No meu Morro do Querosene.

Minha vida desta maneira
É de encantos, é tão bela!
Não me passo p'ra Mangueira
Nem para o Morro da Favela...

O Salgueiro não vale nada
Nem a copa do meu chapéu
O Querosene na batucada
Só respeita a Chácara do Céu**

* Obs (M.A.): Chácara do Céu era como antes se chamava o atual Morro de São Carlos.

(...)

O QUE NOS DISSE UM HABITANTE DO MORRO

Meio-dia.

Sol a Pino.

Calor de rachar!

Um inferno! Um suplício! Um horror! Um verdadeiro castigo, galgar o Morro do Querosene, pela Rua do Itapiru !

Não sabemos em quantas etapas, fizemos o arrojado 'raid'.

(...)

Em meio do caminho, encontramos-nos com um velho morador do morro, que, pelo nosso cansaço, pela afobação que demonstrávamos, percebeu logo, que se tratava de *estrangeiro*... e nos disse:

- Está estranhando, hein, patrão ?!
- Que horror ! Uff! ... Nunca mais voltarei aqui.
- **Ainda que 'mal lhe pergunte' – o senhor é da polícia.**
- **Não.**
- **'Prestação' não é que eu conheço... Então é Oficial de Justiça. É só estas três 'castas' de gente de fora, que se atreve a subir o morro a esta hora.**
- **Eu sou da imprensa.**
- **Olá... lá! Ainda melhor! Veio fazer alguma reportagem?**
- Vim ver isso.
- O Morro do Querosene, meu chefe, 'é uma cuíca para conferir...'
Aí está uma coisa que eu aprovo e sou capaz de lhe auxiliar.
- Terei nisso muito prazer.
- Olhe, só lhe peço um favor: quando o 'pau comer' não bote o meu nome nas folha, porque senão, sou um homem 'intralhado na vida'.
- Como assim ?
- Porque o senhor, por força, vai 'meter o malho' e eles não vão gostar. Mas, comigo quem acha 'ruim faz meio-dia...'
- Eles quem ?
- Estes piratas e exploradores do nosso suor.
- Quem são ?
- Os donos destes 'BARRACOS'; o Lindolfo Magalhães, o José Reis e o outro lá do alto, dono da falada 'Venda do Galo'.
Estávamos no meio do morro.
O nosso cicerone nos disse:
- Repare só: aqui é a tendinha do José Reis. Lá está ele.
- É brasileiro ?
- É português-africano. Aquilo que está vendo ali, é de 'má raça, de má casta, de mau pelo e mau cabelo' ! O que tem de pequenino e socado, tem de sabido! Como ele, só o Manoel Martins, que figura em tudo quanto é testamento encrencado.

(...)

Chegamos, afinal, ao cimo.

Lá se destaca a 'Venda do Galo'.

É um armazém de secos e molhados, com respeitável sortimento.

À entrada do estabelecimento, há um alpendre, a guisa de 'Marquise', sustentado por duas colunas de madeira.

O armazém não tem tabela, funciona aos domingos e feriados e abre a qualquer hora da noite, como as farmácias...

O alpendre, toma a única passagem que há, obrigando assim toda a gente a passar pela 'Venda do Galo'.

O nosso cicerone nos segredou:

- Lá está o homem que tem ganho mais dinheiro neste morro! Isto para ele é um *chuá!...chuá!...* Não paga impostos e não dá satisfação a *higiênica*. É o maior proprietário de 'barracos'.

Encaramos o gajo.

É um português forte, robusto, gorducho, barrigudo e ostentando uma grande medalha, redonda, cravejada de brilhantes.

O cicerone continuou:

- Está riquíssimo à nossa custa! Ele já fez quatro viagens à Europa! É proprietário de vários prédios em Santa Tereza e em Irajá.
- Então, ele está bem...
- Aquele homem, que ganha dinheiro aqui, explorando a gente com estes 'barracos' imundos, é incapaz de fazer o menor benefício a esta zona.

O cicerone nos falava com um certo rancor.

Depois de uma pequena pausa, continuou:

- Para o 'seu reporte' fazer uma pequena idéia, vou lhe mostrar um 'barraco' por dentro.

Entramos então num cortiço!

As famílias vivem numa verdadeira promiscuidade, pois, de um para outro chamado 'barraco', há apenas parede divisória de latas de querosene eferrujadas e esburacadas, divulgando-se o que se passa do outro lado.

É um horror!

O visitante, sente logo um mal-estar, chega mesmo a sentir náuseas.

Como pode aquela gente viver assim ?

Deus que se apiede, dos moradores do Morro do Querosene."

O PRECIOSO LÍQUIDO

Água no Morro do Querosene vale ouro!

O H₂O, o precioso líquido, não se dá a ninguém!

Lá no alto do Morro, quem quiser beber um pouco d'água numa caneca, pagará 200 réis (...).

Durante o dia, vê-se aquelas pobres mulheres galgarem o morro curvadas ao peso de uma lata cheia d'água!

Para obterem-na, descem às Ruas Itapiru e Azevedo Lima, pedindo, como esmola, um pouco do precioso líquido, para os misteres mais urgentes.

(...)

A VISITA DE PEDRO ERNESTO

O Senhor Dr. Pedro Ernesto, digno e honrado Interventor do Distrito Federal, não tem se descuidado dos mais legítimos interesses da cidade, em boa hora, confiada à sua governança.

Não lhe preocupa somente a chamada zona 'chic' ou a central.

S.Ex. vai também aos subúrbios, à zona rural e sobe aos morros, como já subiu ao de São Carlos e ao do Querosene.

Em São Carlos, que é uma verdadeira cidade alta, como em Santa Tereza, o grande Interventor notou que muito há que fazer para torná-lo digno dos seus honrados habitantes.

Tudo quanto há ali, é devido unicamente à iniciativa particular.

No Morro do Querosene, porém, a impressão do Governador da cidade foi muito outra.

É uma vergonha!

O Dr. Pedro Ernesto quer como interventor, quer como médico, condenou-o. A impressão foi a pior possível.

Ali, só há uma coisa a fazer, a bem da higiene – é por abaixo tudo aquilo, mesmo como medida preventiva, acauteladora da saúde, não só dos moradores do Morro do Querosene, como de todo o bairro onde ele se levanta ameaçadoramente como um foco epidêmico.

Ou o Morro do Querosene será saneado e embelezado ou terá destino muito pior que o da Favela.

É este o modo de pensar do 'super-homem', a quem para felicidade dos cariocas, o Chefe do Governo Provisório confiou os destinos da nossa terra.

* * *

Já dissemos, minuciosamente, pondo os pontos nos ii, o que é o Morro do Querosene – é o mais imundo, o mais infecto, o mais perigoso e o mais explorado!

A gente, porém, que o habita, não é má, como em geral, a que reside nos morros, porque os ruins que aparecem, ou se regeneram ou *caem no mangue...* É raro encontrar-se um ladrão-valente, na extensão da palavra, razão porque, o 'bamba' sempre lhe infunde respeito.

O valente de verdade, não é o pirata vulgar.

Quando os 'bambas' descobrem no morro um ladrão *pirado* na sua zona, é *canja...*

Fazem, como faziam os *tiras*, antigamente – exigem logo o *toco*, sob pena de dar a *cana*...

O *toco* não impede o *ultimatum*: o ladrão *pirado*, tem o prazo muito limitado para desinfetar o reduto e se não o fizer, ou vai conversar com o *majorengo* para receber o bilhete para a *justa* ou na melhor das hipóteses o *pau come gente e o lunfa, entra nas comidas*...

Não se diga que um *buliçoso* não possa ir num morro.

O morro não é privativo dos seus habitantes e eles até gostam, quando vêem a ‘zona floreada’ com caras estranhas...

Quantos e quantos *lunfas*, acoissados pela polícia cá por baixo, sobem ao morro e lá ficam *arribados*, num daqueles casebres de um amigo, em *segredo de justiça*, sem dar a cara na rua, até que o – caso policial – caia em *exercícios findos*?”

(...)

MORRO DA MANGUEIRA

“Não se pode negar a sua fama, a sua tradição.

Quando Favela estava no apogeu, Mangueira olhava-o com indiferença.

Era a certeza da sua importância, do seu grande valor no futuro.

De vez em quando anunciavam que uma caravana faveliana, salgueirense, querosenense ia fazer um *raid* à Mangueira e então o pessoal se preparava para receber os visitantes como *personas-gratas* ou como *personas-ingratas*, conforme o modo de proceder dentro da zona e principalmente com referência ao – Nono Mandamento da Lei de Deus – porque o pessoal do Morro da Mangueira, por ser muito católico, respeita a mulher do próximo e é *sujo* com este negócio de *divórcio* apressado...

(...)

Eu quisera viver no Morro da Mangueira – pela lealdade e sinceridade daquela gente boa e generosa, porque com toda a sua pobreza, nos tempos que correm, eles praticam a verdadeira caridade, socorrendo os que têm fome, dividindo o seu pão dormido com aqueles que estendem a mão à caridade pública.

Não há, no meio deles, a menor hipocrisia, como também não admitem que se use para com eles de falsidade – é cartas na mesa e jogo franco.

(...)

A Mangueira diverge em tudo e por tudo do Querosene.

Há ruas abertas e mesmo alinhadas; há casinhas bem construídas e há até logo na subida um palacete mandado construir por um bicheiro!

Temos por lá os casebres, os cochicholos, mas, que à vista dos do Querosene são verdadeiros *bungalows*...

Nem a favela dos seus tempos saudosos, poderia ser comparada ao Morro da Mangueira de hoje.

(...)

“a Mangueira sempre se orgulhou de ter melhor gente que a Favela em tudo e por tudo: mais ordeira, mais caprichosa, mais valente e menos sanguinária.

As construções, as ruas, o comércio da Mangueira sempre foram superiores ao Querosene, Favela e Salgueiro.

O Morro da Mangueira, sempre teve Majestade !

A INVASÃO DOS BÁRBAROS

“Foi então [à época de Pereira Passos] quando um delegado de higiene, teve a idéia de fazer demolir em curto prazo, os Morros da Favela e da Mangueira.

As estalagens começaram a ser condenadas e as casas de habitações coletivas também tiveram a mesma sorte.

Só os grandes *pistolões* faziam recuar as exigências...

A gente das estalagens e das casas de cômodos corria para os morros e aí encontrava a mesma barreira!

Findo o prazo, eis que surgiu no Morro da Mangueira uma grande turma da Saúde Pública e deu início à demolição dos casebres, tentando até levar tudo de vencida pelo fogo!

Era, para bem dizer, a invasão dos bárbaros, pondo ao relento homens, mulheres e crianças!

Houve, como era natural, uma séria resistência e o Governo teve de intervir em favor dos pobres, para acalmar os ânimos.

(...)

Este foi o maior golpe que sofreu o Morro da Mangueira e do qual se defendeu com heroísmo, fazendo recuar a horda invasora, que operava em nome do progresso...

(...)

COMO SE VIVE NO MORRO DA MANGUEIRA

A vida no Morro da Mangueira, é muito mais fácil que no do Querosene ou mesmo da Favela e do Salgueiro.

Não há aquela revoltante exploração, aquele verdadeiro cativo, sendo o inquilino obrigado a comprar na tasca do seu senhorio.

Se na Mangueira alguém se lembrasse ou se lembrar de abrir uma tasca e construir cochicholos para explorar miseravelmente os inquilinos pode contar que é *rifado*, *rifada* e recebe logo o *bilhete azul*, em forma de ‘ultimatum’, porque, ali, não é o Morro do Querosene.

Os estabelecimentos na Mangueira, têm os seus gêneros tabelados e não podem abusar no preço porque são muitos e a concorrência, é a dominadora da ganância do varejista.

(...)

O bom pagador, tem crédito no Morro da Mangueira. Eis a razão porque a vida é relativamente fácil e toda a gente vive perfeitamente bem, alegre e feliz naquele monte maravilhoso.

As casas são em conta.

(...)

MORRO DE SÃO CARLOS

Parodiando o grande Júlio Dantas, na Ceia dos Cardeais, diremos: 'Como é diferente a vida em São Carlos!'

O ambiente é muito outro, à vista do Querosene, seu vizinho, do da Mangueira e do Salgueiro.

(...)

A VISITA DO PROGRESSO

É muito diferente, o que se observa no Morro de São Carlos, com relação aos outros.

Casas boas, bem construídas; sobrados e 'bungalows', vão se levantando aqui, ali e acolá.

É a visita do progresso que já se faz sentir.

O Morro de São Carlos tem hoje, a defender os seus legítimos interesses, o Centro Político Republicano e do qual fazem parte pessoas de grande representação social.

Todos os prédios são numerados e contribuem, para a Prefeitura e o Tesouro, com o Imposto Predial e a Pena d'Água.

As casas comerciais estão devidamente licenciadas e os negociantes contribuem com o Imposto da Indústria e Profissão.

Há calçamento a macadame, o qual será em breve substituído por outro a paralelepípedos, nas subidas, passando o macadame para a parte mais alta.

O Morro de São Carlos mereceu há dias a visita honrosa do Sr.Dr. Pedro Ernesto, digníssimo e honrado Governador da Cidade, que verificou que tudo quanto se tem feito ali, é unicamente devido à iniciativa particular.

S.Ex. prometeu fazer melhoramentos inadiáveis, levando em conta o progresso do Morro, tão abandonado dos poderes públicos.

De uns 30 anos para cá, que os respectivos moradores vêm lutando para transformá-lo como aliás transformaram, fazendo de um reduto mal recomendado, uma localidade familiar, calma e pacífica.”

(...)

MORRO DO SALGUEIRO

Aquele mastodonte, que se divulga daqui de baixo, e, em cujo dorso em desalinho, destacam-se uns casebre, uns pardieiros e uns

cochinholos – é o Morro do Salgueiro ! O ‘bamba’ dos ‘bambas’, a Academia do Samba, o Inferno de Dante e ao mesmo tempo um Céu aberto!

Valentões em outras zonas, ali são *mofinos* !

(...)

OUVINDO UM ‘BAMBA’

Escolhemos as primeiras horas da manhã para subir ao Salgueiro.

O diabo não é tão feio quanto pintam-no.

O que dizem cá por baixo, não é positivamente o que se verifica aqui em cima.

Meia hora de convívio com aquela gente, basta para modificar qualquer juízo temerário previamente feito. E, ao contrário, o visitante sente-se bem e até passa horas alegres, ouvindo o fraseado de um pernóstico, os acordes de um tocador de violão, o floreado de uma harmônica ou um samba choroso de um ‘acadêmico’ do Salgueiro !

(...)

A impressão é bem diferente da do Morro do Querosene, que fica muito distanciado.

No Salgueiro, há casas propriamente ditas: construídas de tijolos, de telha e com todos os requisitos higiênicos.

Há armazéns e botequins, como nos Morros da Mangueira e do São Carlos.

Pagam impostos e existem ruas abertas e casas numeradas.

No meio de tudo e **em maior quantidade**, muito maior, surgem os chamados ‘barracos’.

Eles são iguais em toda a parte.

No Querosene, porém, é preciso por tudo aquilo abaixo como medida urgentíssima de higiene.

Mas no Salgueiro, é preciso apenas – um pouco mais de saneamento, o que compete ao Governo.

Já que não se resolve o problema de pequenas habitações para os pobres, para os trabalhadores, que ao menos o Governo facilitasse que eles fizessem os seus barracões de madeira, sobre alicerces sólidos, de modo que fossem pouco a pouco melhorando a sua habitação.

Sobre tais barracões poderia ser lançado um imposto, que representasse uma prestação suave, a fim de que o inquilino, não sendo funcionário público pudesse deste modo, saldar a sua dívida com o Estado.

O maior desejo do pobre, é morar no que é seu.”

(...)

AMIGOS PARA A VIDA E PARA A MORTE

Seu Xande, a certa altura nos perguntou:

- Qual é a sua impressão ?

- É muito melhor do que antes de haver subido!
- O que supunha que isto aqui era ?
- Uma espécie de Inferno de Dante!
- Pois olhe, isto aqui, é um Céu aberto ! A gente vê cara e não vê coração! Aqui no Salgueiro, há amigos para a vida e para a morte; há homens que tiram a última camisa para socorrer um amigo e são mesmo capazes de dar o seu sangue para salvar um inimigo.
- E quando não são amigos ou são inimigos rancorosos ?
- Na hora da luta, o melhor é ninguém se meter entre duas feras e deixar que se devorem...
- Não é humano!
- O que não é humano, é o senhor se meter a separá-los, levar uma *pregada* e esticar a canela. Isto é que não é negócio...
- E estas duas feras, nunca mais se reconciliam ?
- Às vezes tornam-se excelentes amigos. Outras vezes, passam uma esponja no passdo, mas, ficam de pé atrás e outras vezes...
- O que acontece ?
- Um fica e o outro *embarca*... para o outro mundo.
- E no flagrante quem vai depor ?
- Que flagrante ? Então quem faz um 'serviço' destes, deixa-se prender em flagrante ? Mete o pé no mundo e vai cuidar de outra vida. Mete a cara no Pindura a Saia e vai sair na Sacra Família do Tinguá...
- E se o azar o perseguir e ele for preso em flagrante ?
- Neste caso há seus conformes. **Se o crime for *razoável*, se foi uma *coisa justa*, uma desafronta de homem para homem, as testemunhas dão o fora. Mas, se houve covardia, traição, perversidade, premeditação, emboscada ou se matou pelas costas, as testemunhas aparecem e até auxiliam a polícia na captura do criminoso.** O senhor quer ver um camarada passar mal aqui no morro ? É andar com *falsatas* [sic], fazendo *trancinhas*. Então, come da banda podre...
- E como se arranjam vocês com o **Dr. Moreira Machado** ?
- **Muito bem - é um camaradão! Antigamente, ele dava cartas e jogava na mão. Oh! *branco* bom, para embrulhar estes políticos!... Manifestação era com ele! ... Chegava aqui, distribuía uns 'caraminguás' e mandava descer o pessoal. Quando chegava lá em baixo, tome automóvel! Era uma beleza! Também naquele tempo ele mandava um pedaço bom, em qualquer delegacia! Muitos flagrantes foram rasgados, muitos processos abafados, só por ordem dele!**
- Então para vocês, ele tem cotação.
- E grande, porque sempre foi bom camarada, bom amigo.
- (...)
- Então vocês idolatram o Dr. Moreira Machado ?
- E não continua a ser bom camarada ?

- Com a República Nova, ele está *off-side*...
- Mas, não era ele o Chefe dos trabalhadores da estiva ?
- Isso foi tapeação naquele tempo... Até eu, figurei como estivador e fui passear em São Paulo, quando a *estiva em geral* foi levar a sua solidariedade ao Dr. Júlio Prestes!

(...)

- **E dinheiro ?**
- **Não é tanto assim. Gostamos dele, porque foi camarada, bom amigo e um bom vizinho. Mas, estamos pagos; fizemos e recebemos favores. Elas por elas não doem. Amanhã, se o senhor tiver prestígio e puder fazer alguma coisa por nós, estaremos também a seu lado. Aqui com político - é toma lá, dá cá..."**

(...)

MORRO DA FAVELA

“ Apareça quem for valente
quem for duro se levante
Na hora ‘o pau come gente...’
Que o Buraco se garante...”

Desde que a Favela passou a ser reduto de valentes e cabras ‘escolados’ nas várias modalidades de malandragens, crimes e contravenções, o seu nome jamais foi olvidado no **cadastro sangrento do noticiário policial dos matutinos e vespertinos cariocas.**

(...)

Como nos causasse estranheza que todos os homens que subiam, fossem portadores de embrulhos, a explicação não se fez esperar:

- **Esta gente *veve* da estiva.** Os que vão subindo agora ou deixaram o serviço ou não foram aproveitados nas turmas da manhã.
- E os embrulho ?
- Uns de roupa do trabalho e outros são de *mantimento* que compraram com o dinheiro que receberam.

(...)

Para nós o que toca é samba desta qualidade:

*É noite escura
Acende a vela
Sete Coroas
Bam-bam-bam lá da Favela.*

Quer saber de uma coisa ? **Este *Sete Coroas* foi uma invenção dos tiras. O 26, à sombra do Sete Coroas, fez uma porção de violências aqui no morro. Alta noite, ele vinha com uma turma grande e invadia**

estes casebres, onde quebrava tudo e espancava barbaramente pobres homens trabalhadores. Duma feita pegaram lá do lado da Providência dois homens que desciam para o trabalho. Quando metiam o pau de rijo num, o outro correu. Eles perseguiram disparando seus revólveres. Foi um tiroteio medonho. Quando o dia clareou, lá estava o pobre homem numa vala.

- Estava ferido ?
- Estava morto.
- E depois ?
- Ficou por conta do *Sete Coroas*. **Onde os tiras faziam tiroteios e feriam gente, era o *Sete Coroas*!**

(...)

JOÃO* DA BARRA

Não se pode falar em Favela, sem citar, e, aliás, com muito respeito, o nome de João da Barra.

É tipo de nortista, homem sisudo e que representa meio termo entre o calmo e o exaltado.

Quando lhe chegam a mostarda ao nariz, ‘não dá para trás’ e noutras épocas fez muita gente ‘tomar nojo da luta e entregar os pontos...’

João da Barra, no tempo em que a Favela era mesmo a *zona tórrida*, bancava o Grande Chanceler, o Juiz de Paz e o Delegado de Polícia...

Nas questões de terrenos, porque era muito comum um avançar no terreno que não pertencia a nenhum dos dois... o árbitro era o João da Barra e o que ele decidisse, não tinha apelação.

Brigas de mulher com marido, ele resolvia pacificando o casal.

Muitos assassinatos não ficaram impunes, porque ele se não prendia o criminoso em flagrante, providenciava para a sua captura.

Ainda hoje se fala em João da Barra, com respeito e acatamento.

Mais não fez, porque não lhe foi possível.

(...)

Eis a razão porque não se pode falar em Morro da Favela, sem citar o nome de João da Barra.”

(...)

* Parece haver aqui um engano, trata-se de JOSÉ da Barra (como citado por Orestes Barbosa e Benjamin Costallat) e não João da Barra.

TEMPO AO TEMPO

“Por muito que se esforcem, os defensores da Favela, jamais conseguirão soerguê-la, porque nem a Prefeitura, nem a Saúde Pública

permitirão que novos cochicholos sejam ali levantados, sob qualquer pretexto.

O embelezamento do morro se impõe diante do progresso e da grande evolução da cidade nestes últimos anos.

Ali, no coração da metrópole, não é possível esconder aquela espécie de aldeamento de indígenas, contradizendo com a beleza da mais linda capital das nações civilizadas de todo o mundo !

O expurgo da Favela se fará paulatinamente, numa ação conjunta entre os governos federal e o municipal, dando um prazo razoável aos que lá habitam para que melhorem ou desocupem os pardieiros.

A Favela, é bem parecida com o Morro do Querosene.

O próprio governo municipal poderia auxiliar o seu embelezamento, mandando limpá-la, calçá-la, para então, fazer as exigências que entendesse.

As companhias edificadoras que existem, também entrariam em acordo com aquela gente, cobrando prestações razoáveis por uns novos tipos de casas pequenas.

Por sua vez, feito o arruamento, certamente a Light teria uma nova fonte de rendas ligando três morros: o do Pinto, o da Favela e o do Barroso, fazendo assim *pendant* como o de Santa Tereza.

Há muito que fazer no Morro da Favela, **mesmo sob o ponto de vista estratégico, para a defesa da cidade.**

E como a Favela, outros morros deveriam merecer a atenção do Ministério da Guerra.

Haja vista a proeza que tomou o nome de *Praia-Preta*.

Suba o Sr. Ministro da Guerra à Favela, leve em sua companhia o Chefe do Estado-Maior e fiquem as duas autoridades do nosso Exército uns quinze minutos, fazendo observações a olho nu e de binóculos, e, certamente ficarão convencidos de que a Favela não deve ficar fora das suas cogitações.

Um quartel na Favela !

Onde, o de artilharia de montanha ficaria melhor situado para os seus próprios exercícios diários, com destacamentos nos demais morros ?

Seria este um meio prático, rápido e utilíssimo de sanear e embelezar o Morro da Favela, sem grandes dispêndios, por se tratar de utilidade pública. (...)"

TEXTO No. 16: O CÓDIGO DE OBRAS DE 1937

Natureza e data do texto:

Decreto municipal número 6000 de 1º de julho de 1937, regulando, nos artigos abaixo, a construção de "casas proletárias", a eliminação das favelas, proibindo melhoria nas mesmas e também a formação ou construção de cortiços e estalagens. Fonte: VALLADARES, Lícia do Prado. "A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais", **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Volume 15, nº 44, outubro de 2000.

Art. 349 — A formação de favelas, isto é, de conglomerados de dois ou mais casebres regularmente dispostos ou em desordem, construídos com materiais improvisados e em desacôrdo com as disposições deste decreto, não será absolutamente permitida.

1º Nas favelas existentes é absolutamente proibido levantar ou construir novos casebres, executar qualquer obra nos que existem ou fazer qualquer construção.

2º A Prefeitura providenciará por intermédio das Delegacias Fiscais, da Diretoria de Engenharia e por todos os meios ao seu alcance para impedir a formação de novas favelas ou para a ampliação e execução de qualquer obra nas existentes, mandando proceder sumàriamente à demolição dos novos casebres, daqueles em que for realizada qualquer obra e de qualquer construção que seja feita nas favelas. [...]

7º Quando a Prefeitura verificar que existe exploração de favela pela cobrança de aluguel de casebres ou pelo arrendamento ou aluguel do solo, as multas serão aplicadas em dôbro [...]

8º A construção ou armação de casebres destinados a habitação, nos terrenos, pátios ou quintais dos prédios, fica sujeita às disposições deste artigo.

9º A Prefeitura providenciará como estabelece o Título IV do Capítulo XIV deste decreto a extinção das favelas e a formação, para substituí-las, de núcleos de habitação de tipo mínimo. [...]

TEXTO No. 17: O RELATÓRIO MOURA

Natureza e data do texto:

Relatório elaborado pelo Dr. Vitor Tavares de Moura, diretor do Albergue da Boa Vontade e apresentado ao Secretário Geral da Saúde do Governo Henrique Dodsworth, em novembro de 1940. Propunha um plano para o estudo e solução do problema das favelas. Neste trecho, cita-se um recenseador do Morro da Favela, perto do Cais do Porto:

“A vida lá em cima é tudo quanto há de mais pernicioso. Imperam os jogos de baralho, de chapinha, durante todo o dia, e o samba é diversão irrigada a álcool. Os barracões, às vezes com um só compartimento

abrigam cada um, mais de uma dezena de indivíduos, homens, mulheres e crianças, em perigosa promiscuidade. Há pessoas que, vivendo lá em cima, passam anos sem vir à cidade e sem trabalhar. E este morro está situado no coração da cidade, junto ao centro de trabalho intenso que são o porto, os moinhos Fluminense e Inglês, as Usinas Nacionais...”

Fonte: Citado por VALLA, Victor Vincent, “Educação, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980”, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. Mimeo. p. 2.

TEXTO No. 18: O RIO NÃO-PARTIDO SEGUNDO S.WEIG

Natureza e data do texto:

In: Brasil, País do Futuro, p.171. Publicado em 1940 ? Citado por Gastão Cruls, 1965:780 (vol. 2).

“... Mas a apenas dois passos do portão de uma dessas residências podemos estar numa ‘favela’ ou num bairro operário; aquela e este, cercados ambos pela mesma vegetação verde-escura e banhados pela mesma luz radiante, não se perturbam mutuamente. Nesta cidade os extremos divergem muito, mas apresentam transições entre si, de especial harmonia. A riqueza aqui não é provocadora. De certo modo, nesta cidade, pela força unitiva da natureza, o contraste não foi suprimido, mas se tornou menos forte, e esta constante e suave influência recíproca dos contrastes parece-me característica do Rio. O arranha-céu e o casebre, as avenidas suntuosas e as ruas estreitas e de casas baixas, as praias e os morros, que, altivos, erguem seus cabeços, tudo parece mais completar-se do que se hostilizar. A vida social tolera nesta cidade todos os contrastes; podemos tomar um sorvete numa confeitaria refrigerada, que por seus preços lembra as de Nova York, e muito perto dela, muitas vezes no mesmo prédio, podemos tomá-lo por alguns tostões, e podemos com o mesmo terno de brim andar num automóvel ou num bonde com os operários; nada nesta cidade se hostiliza, e encontramos em todas as pessoas, no engraxate e no aristocrata, a mesma polidez que aqui une harmonicamente todas as classes sociais. O que se separa com hostilidade e desconfiança nos outros países, aqui se combina livremente. Quantas raças encontramos nas ruas: o preto de casaco roto, o europeu com o terno bem talhado, o caboclo de olhar grave e cabelos pretos e lisos; em centenas e milhares de matizes, as mesclas de todos os povos e de todas as nacionalidades, mas todos, não como em Nova York e outras cidades, separados em bairros, aqui negros, ali brancos, acolá mestiços, mais adiante, italianos, irlandeses ou japoneses. Todos aqui se misturam, e a rua, pela grande variedade de fisionomias, se torna um quadro constantemente cambiante. Que habilidade se torna necessária, aqui, para atenuar os contrastes, sem destruí-los, para conservar a variedade, sem a preocupação de ordená-la e organizá-la à força!”

TEXTO No. 19: UMA ASSISTENTE SOCIAL NA FAVELA

Natureza e data do texto:

Passagens do livro de Maria Hortência do Nascimento e Silva, *Impressões de uma assistente sobre o trabalho na favela*, publicado em 1942. Trata-se, na verdade, de um misto de trabalho acadêmico (foi apresentado como tese ao Instituto Social) e de relatório das atividades desenvolvidas pelo Departamento de Serviço Social da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Distrito Federal (que edita o livro) junto às favelas cariocas. Privilegia-se o caso da favela do Largo da Memória (Lagoa-Leblon), cujos moradores chegaram a ser removidos para o primeiro Parque Proletário (da Gávea) no ano de 1942. No final do livro (p.99) temos o desenho das instalações do Parque Proletário No. 1, na rua Marquês de São Vicente. É, portanto, um documento acerca da primeira intervenção efetiva do Estado nas favelas cariocas.

As favelas não são problema tipicamente brasileiro:

"São favelas os enormes bairros imundos de Changai, o Casbad, da Argélia, La 'Zone', de Paris, o White Chapel, de Londres, Valle dell'Inferno, em Roma, enfim **todos os recantos do mundo onde a miséria se refugia, longe da higiene, do progresso e do conforto**, para deixar-se viver solapada pela adversidade.

São favelas também os famosos 'Mocambos', de Recife, as 'Cafuas' mineiras, e as 'Casas de Palha', do Nordeste brasileiro."

As favelas cariocas e seus dilemas:

"Para o carioca, então, a favela é uma velha conhecida. Em nossa linda cidade, elas nascem e crescem com prodigiosa rapidez, às vistas de todos e, o que é pior, nas melhores zonas, deixando flagrante aos olhos de qualquer turista o enorme atraso urbanístico em que elas nos colocam.

No Rio, cidade de coloridos e galas exuberantes, a luz forte que ressalta a graça inconfundível de uma

p.8 natureza inigualável, faz da favela um grito ainda mais dissonante, que se destaca na afinação maravilhosa de tanta riqueza e tanta graça.

Talvez seja por isso que nossas favelas pareçam mais miseráveis e sórdidas que todas as outras.

É uma pobreza tremenda que se abriga naqueles barracos remendados, um abandono assustador que confrange o coração dos que penetram neste mundo à parte, onde vivem os renegados da sorte.

E o carioca, indiferente, vai criando para os monstrenhos que surgem os nomes mais curiosos que a sua fantasia sugere:

'Cidade Maravilhosa' é o lugar onde a miséria geme,

'Latolândia', onde o pobre se abrasa ao sol tropical,

'Chácara do Céu', onde não se encontra nada de celestial, e assim por diante.

Mas ainda há algo de mais estranho: enquanto alguns se compenetraram da gravidade do problema e procuram remediar a situação desses desgraçados, os cronistas se encantam pelo morro e o enaltecem, fazem dele um fenômeno típico, a visitar por todos aqueles que querem conhecer o verdadeiro Brasil.

O antro da indigência é transformado num centro de interesse onde se levam os turistas de renome.

Será que do malandro querem fazer uma personalidade, e do samba um hino nacional ?

Toda a ignorância e o fetichismo dos pobres desgraçados só acrescenta maior sabor ao fenômeno, a 'Macumba', a 'Mandinga' são cantadas em prosa e verso. Quando o 'Morro' dá uma exibição de sua dança [sic] bárbara, então o sucesso chega ao máximo. Filma-se aquela pretaria alucinada pelo batuque ensurdecedor, a contorcer-se e requebrar-se como fanáticos, numa de-
p.9 monstração de sensualidade desenfreada e instintos selvagens que os escravizam a seu bárbaro passado.

E estes filmes são tirados por estrangeiros, que no momento, se dirão entusiasmados com o espetáculo inédito, mas que os exibirão nas suas terras como demonstrações curiosas da civilização do nosso povo. E assim, em vez de pudicamente escondermos este aspecto doloroso de nossa terra, deixamos exhibir o que temos de peor!

A Mangueira:

"a [favela] do 'Morro da Mangueira', favela antiquíssima, uma perfeita cidade de malandros, com sua vida à parte. Seus habitantes levam anos sem descer à cidade. Nela foi encontrado um rapaz de 18 anos que declarou não conhecer a cidade. A Escola de Samba da Mangueira, é muito fa-
p.10 lada nas rodas de compositores de músicas populares."

Praia do Pinto (exemplo de favela em terreno plano):

"Situada nas imediações do 'Jockey Club'. São terrenos pantanosos, em parte, e noutra, arenosos; pois termina na praia. É uma das favelas mais imundas que existem. Os barracos são aglomerados, colados uns nos outros, quase sem espaço a separá-los. Sua população é das peores. Cada dia mais se desenvolve. Todas as casas de cômodos dissolvidas e vilas de operários destruídas nas imediações vêm aumentá-la e piorar, portanto, a condição de vida dos que já se comprimiam nela. Conta hoje, de acordo com um recenseamento feito há pouco, mais de 1000 barracos."

O tipo de terreno onde se instalam as favelas, municipal ou particular, e sua influência sobre a vida do favelado:

MUNICIPAL - "Em terreno municipal, o pobre não paga nenhum aluguel pelo terreno. Constrói seu barraco com uns 500\$000, e vive nele até ser demolida a favela.

É o caso do Largo da Memória, Praia do Pinto etc.

Os poucos que pagam aluguel pagam-no pelo barraco que outro construiu e explora, mas nunca pelo terreno.

PARTICULAR - "Ao passo que, para as favelas instaladas em terrenos particulares, o proprietário recebe mensalmente um aluguel variável de cada um dos favelados. Os aluguéis vão de 15\$000 a 40\$000, e como o proprietário não tem a menor despesa com as casas e sua conservação, aufere um lucro enorme.

A favela da Rua Macedo Sobrinho [entre o Humaitá e a Lagoa] é o melhor exemplo de tal exploração. Cada dia aumentam os seus moradores. Vai da Rua Macedo Sobrinho até a Rua Fonte da Saudade, já na Lagoa Rodrigo de Freitas.

São terrenos de uma viúva rica, que só daí deve retirar uma soma fabulosa sobre a qual não paga impostos, nem mesmo o de renda.

À medida que os terrenos se valorizam, ela vai subindo os aluguéis; visitamos uma família, que tem seu barraco na Fonte da Saudade há uns 10 anos, sempre pagando aluguel. No início, cobravam-lhe 10\$000, e depois de certo tempo a viúva subiu para 15\$000, e hoje pagam 45\$000 pelo mesmo espaço de terra.

Não é possível que esta criatura não sinta certo constrangimento em aumentar sua fortuna à custa do dinheiro destes milhares de pobres, que vivem com tanta dificuldade. E, assim, dúzias de outros indivíduos sem escrúpulos, se enriquecem graças ao dinheiro dos miseráveis, tão penosamente ganho, contribuindo para que a cidade não se livre desta praga, que é uma favela."

A causa principal da formação das favelas: a miséria

"A causa principal da formação das favelas é, como se pode compreender facilmente, a *miséria* [grifo da autora], em todos os seus aspectos. É a miséria do homem doente, que não consegue produzir o necessário; do malandro, que não se esforça para ganhar o suficiente; do incapaz, que não sabe manter-se; do pai de família numerosa, cujo salário não equivale aos gastos; das famílias desamparadas por abandono ou morte do chefe; enfim, de todos aqueles que, incapazes de lutar como os outros, ali se refugiam para se deixarem viver com um mínimo de gastos possível.

Outros fatores que contribuem para a formação das favelas:

"1º) A VALORIZAÇÃO DOS TERRENOS - acarretando a demolição de casas de pequena renda, para construção no local, de prédios de apartamentos. O operário, não encontrando mais uma casa cujo aluguel lhe seja acessível, baixa então até a favela.

É o caso da Rua Faro, no Jardim Botânico, onde demoliram grande quantidade de casas baratas, expulsando seus moradores para os cortiços e favelas do bairro.

2º) OBRAS - as construções importantes, que necessitam grande mão-de-obra, deslocam muitos operários, que, morando em locais longínquos, são forçados a mudar-se para as imediações do trabalho, e, não encontrando casas modestas onde se possam instalar, constroem seus barracos nos terrenos vagos que existam pela redondeza. Terminada a obra, a maioria deles se muda, mas já outros descobriram o local e se instalam. Foi assim que se originaram as favelas do 'Cantagalo', resultantes das obras do corte, e do Largo da Memória, resultante das obras do canal.

3º) AS FÁBRICAS - empregando grande número de operários, que também necessitam morar no local de trabalho. Os bairros que têm muitas fábricas são os que têm maior número de favelas. Assim, vemos na Gávea, na Rua Marquês de São Vicente: as duas grandes fábricas de tecidos e duas importantes lavanderias determinam a formação de várias favelas onde se abrigam seus empregados. O mesmo se verifica na Tijuca."

O choque ao ver o Largo da Memória:

"O Jardim Botânico é um dos bairros residenciais mais agradáveis que possuímos; o trajeto de bonde faz-se ora por uma parte nova, onde se constroem, cada dia, luxuosas habitações, ora por uma parte antiga, onde se acham as mais belas casas do velho Rio colonial.

Súbito, numa curva, inesperadamente, sem a menor transição que prepare o espírito, surge o Largo da Memória, em toda a sua miséria.

É com uma dolorosa surpresa que o transeunte novato descobre esta chaga horrível encravada no meio de zona tão próspera. O espetáculo que se lhe depara não é o que ele pensava encontrar tão perto de um centro de mundanismo, como o 'Jockey Club', ou de esporte, como o grande estádio do Flamengo. Ele vê diante de si um curioso amontoado de sórdidos casebres, uns colados nos outros, ou com pequenas vielas a separá-los, construídos de velhos pedaços de madeira, cheios de remendos, minúsculos e cobertos de materiais os mais diversos.

É o Largo da Memória."

Descrição parcial do Largo da Memória:

"Sua frente estende-se por uma distância correspondente a 400 metros. Em largura, continua cobrindo uma pequena colina até espalhar-se na parte de trás, pelas imediações do canal.

Não há serviço de esgotos, nem água encanada, por isso toda a sujeira destas 400 casas escorre pelo morro abaixo, qual massa preta, sempre em movimento, espessa e mal cheirosa. Os cachorros e gatos, que são numerosíssimos, revolvem toda essa imundície, na procura de restos com que possam matar a fome. No meio das ruelas, as crianças, sempre sujas e o mais das vezes em fraldas de camisa, brincam em pequenos grupos, fazendo panelinhas de lama, ou jogando bola de gude. As mães, sempre na porta do barraco, conversam com as vizinhas. Algumas, dentro de casa, lavam ou passam a roupa. Mas o interior é tão devassado que elas nada perdem do que se passa cá fora, nem os que passam perdem do que há lá dentro.

A falta d'água obriga-as a uma constante peregrinação até a Garí (sede da limpeza pública local), carregadas de latas e jarros; na parte da manhã, sobretudo, o movimento é tão intenso, que, para conseguir encher as vasilhas, elas formam longas filas, diante do portão da limpeza pública, o que contribui para piorar ainda o aspecto da zona."

Estatísticas sobre o Largo da Memória:

Barracos - Famílias - Habitantes

358	461	1590
-----	-----	------

Menores* - Adultos

832	758
-----	-----

* dos quais, 149 matriculados em escolas

Comentários da autora:

"1- O número de famílias ultrapassa de 100 o número de barracos, numa média de 9 famílias para 7 barracos, mais [de] dois casos de promiscuidade em dez [20% de promiscuidade]

2- Uma quarta parte das famílias são desamparadas; a maioria pela falta do chefe, e uma outra parte pela instabilidade e insuficiência do emprego do chefe.

p.51 3- É muito pequena a diferença entre o número de adultos e de menores, logo ou a mortalidade infantil dizima enormemente, ou é grande a quantidade de casais sem filhos, ou de indivíduos solteiros.

4- Entre os menores, a proporção dos que frequentam a escola é assustadoramente baixa: menos de 20%. Ora, considerando-se que a favela está localizada em uma zona central, tendo a uns 400 metros de distância duas ótimas escolas públicas: Júlio de Castilhos e Manoel Cícero, e que estas famílias são constantemente visitadas por moças do Patronato da Gávea, empenhadas numa obra de reeducação, é realmente desanimador.

5- Quanto aos adultos, mais da metade são operários, uma quarta parte de domésticos e uma minoria de comerciantes."

A) Sexo:

Masculino 787/ Feminino 832/ Total= 1619

B) Cor:

Branca	360
Preta	561
Amarela	6
Parda	480
Não declarada	212

C) Estado civil

Casado	392
Solteiro	942
Viúvo	102
Desquitado	1
Solteiro (amasiado)	117
Viúvo (amasiado)	1
Não declarado	49

D) Segundo as condições de trabalho:

Trabalhando	614
Desempregados	54
Que não trabalham	
(crianças)	619
Desempregados	
(por doença)	13
Não declarado	329
Total	1619

Origem dos moradores do Largo da Memória:

E) do **total de 1619**, havia **47 estrangeiros**, sendo: 27 portugueses, 10 espanhóis, 3 russos, 3 suíços, 2 finlandeses, 1 mexicano e 1 italiano.

F) Entre os **brasileiros, por estado de origem:**

Amazonas	02
Pará	01
Maranhão	01
Piauí	01
Ceará	05
R.Grande do Norte	02
Paraíba	03

Pernambuco	18
Alagoas	11
Sergipe	09
Bahia	12

Espírito Santo	71
Rio de Janeiro	663
Distrito Federal	443
Minas Gerais	243
São Paulo	21

Sem especificação	33
Não declarada	79

G) Segundo a idade:

Menos de 1 ano	061
1 a 2	055
2 a 5	128
5 a 10	226
10 a 15	213
15 a 20	139
20 a 25	170
25 a 30	131
30 a 35	130
35 a 40	100
40 a 45	081
45 a 50	056
50 a 55	050
55 a 60	022
60 a 65	017
65 a 70	005
70 a 75	006
+ de 75	004
Não declarada	025

Segundo os salários mensais:

- de 100\$000	095
100 a 200\$000	154
200 a 300\$000	197
300 a 400\$000	073
400 a 500\$000	061
500 a 600\$000	005
600 a 700\$000	003
+ de 700\$000	004
Não declarado	022
Total	614

Segundo as profissões:

Alfaiate	02
Ama seca	01

Barbeiro	03
Biscateiro	20
Bombeiro	05
Caixeiro	08
Carpinteiro	08
Carregador	02
Cobrador	02
Comerciário	28
Condutor	01
Costureira	13
Empregada Dom.	182
Encerador	02
Enfermeiro	01
Ferreiro	01
Foguista	01
F.P.M.	18
F.P.F.	01
F.particular	02
Lavadeira	40
Mecânico	12
Militar	07
Motorista	07
Operário	152
Pedreiro	28
Padeiro	04
Peixeiro	01
Pintor	09
Porteiro	02
Sapateiro	04
Servente (operário)	47
Tintureiro	04
Trocador	02
Vigia	05
Aposentado	04
Mal Definidos	73
Sem Profissão	05
Escolares	134
Outras Profissões	33
Não declarada	270
Crianças	472

Negro-malandro:

"Malandro ? Convenhamos que sim, mas quem pode dizer tudo que impeliu este ser para a vadiagem, e que tão sumariamente desprezamos? Esta atitude representa o produto de tantas gerações enfraquecidas pelo trabalho mal retribuido, pela indiferença dos ricos, mal alimentados, minados por febres e infecções facilmente contraídas e raramente sanadas.

Filho de uma raça castigada, o nosso negro, malandro de hoje, traz sobre os ombros uma herança mórbida por demais pesada para que a sacuda sem auxílio, vivendo no mesmo ambiente de miséria e privações; não é sua culpa, se

antes dele os seus padeceram na senzala, e curaram as suas moléstias com rezas e 'mandingas'.

O mais das vezes, era concebido no meio de padecimentos e aflições, aguardado com indiferença e fadiga, nascido e criado longe de qualquer conforto e higiene.

É de espantar, portanto, que prefira sentar-se na soleira da porta, cantando, ou cismando, em vez de ter energia para vencer a inércia que o prende, a indolência que o domina, e resolutamente pôr-se a trabalhar ?

p.63 Para que ele o consiga, é preciso, antes de mais nada, curá-lo, educá-lo, e, sobretudo, dar-lhe uma casa onde o espere com um mínimo de conforto indispensável ao desenvolvimento normal da vida.

Ora, não se encontra este mínimo de conforto naqueles sórdidos casebres do Largo da Memória.

Como poderá o pobre vencer a apatia, se a noite foi maldormida, num quarto exíguo, sem a menor comodidade, e onde até o ar lhe é pernicioso, pois está saturado da respiração de seis pessoas, que nele se comprimem ainda guardando o cheiro de fumaça e comida ordinária, pois aí também foi feita a cozinha?

Ficará mais forte, se em seu barraco o sol não penetra e na sua porta se acumula o lixo e a imundície, sem esgoto que a recolha; se estraga a vista na luz de querosene e não tem água para lavar-se?"

TEXTO No. 20: OS MORROS E O "PAI DOS POBRES"

Natureza e data do texto:

Passagens do livro do jornalista Henrique Dias Cruz, Os morros cariocas no novo regime - notas de reportagem. Publicado em 1941, em pleno Estado Novo e durante a construção dos Parques Proletários, é um livrinho encomiasta – provavelmente feito sob encomenda, de louvor ao regime, com o mapa do Brasil em verde e amarelo na capa. Sem indicação de local ou editora (livro encontrado na Biblioteca Nacional)

LOUVOR INICIAL AO ESTADO NOVO

"Digamos ao hóspede da cidade:

- Vê esta avenida, estes arranha-céus ? É trabalho de um, dois anos. Esta praça, este jardim, antes cercados de casebres, se fizeram em meses. Levêmo-lo aos centros industriais. Mostremos-lhe as colméias de trabalho incessante. Digamos-lhe que esses homens têm o espírito tranquilo, confiante, porque nele só medram idéias sãs. Levê-mo-lo aos diferentes bairros, essas cidades da cidade e informêmo-lo que foram construídos em poucos anos. Que todo esse casario alegre, à margem das linhas férreas, zona antes pestilenta, charcos e matas incultas, surgiu graças ao proletariado que fez a morada própria, amparado por leis de previdência modernas. Tudo conseguido dentro da ordem, com trabalho fecundo. O poder da vontade alimentada, que não é milagre, mas afirmação. Que o turista veja, sinta o valor dessa juventude, dessa mocidade garbosa, saudável, disciplinada, marchando pela cidade. Já é o grande começo de uma pátria nova e forte. Que esse turista saiba que nesta década se operou a maior revolução trabalhista. Revolução sem estertores, sem punhos cerrados, sem o espumar possesso da demagogia e do partidarismo estreito. Cuidou-se da cidade, do seu progresso geral sem se esquecer do homem, da família, do seu conforto, do seu futuro.

(...)

Como velho repórter que somos,

(...)

A nossa peregrinação foi aos morros. Da cidade já se tem escrito e falado muito. Escolhemos deliberadamente os morros para as nossas reportagens porque neles é que estão as populações nas quais mais se refletiram os benefícios das leis sociais.

E ao lado da história dessas colinas, o seu progresso, o que o Estado Novo lhes deu ! "

(...)

Os xingamentos, pensamentos e expressões antes dirigidos à Favela:

- i. que viviam "fora da sociedade, excluído da comunhão humana, como ainda há quem pense"
- ii. "cidades de lata"

iii. "Assistimos à sua transformação. Já não mete medo. Perdeu a razão de ser o título que lhe davam - 'redueto de criminosos' "

iv. "**negra mancha**"

v. "deprimente para os nossos foros de civilização' *versus* a resposta do homem do morro 'granfinismo de olho torto'

Obs: Cruz enfatiza: são trabalhadores, não são criminosos; há "cuidados de relativa higiene" em alguns casebres, "um pouco de civilização"

O remédio para a favela, que o Estado Novo teria ministrado:

"A Favela, repitamos, em bem da mais pura verdade, já está relacionada com a cidade, já participa da comunhão social. E o remédio foi tão simples: ao invés de polícia, assistência moral*; ao invés de cadeia, escola, hospital, trabalho. E hoje, as populações pobres dos morros cariocas já sentem um pouco de felicidade na vida. Olhou para elas o Governo atual, repartiu com elas os benefícios das leis sociais."

* Na mesma página: "Nesse caso, por dever social, e, ainda, reencaminhamento moral, aplicar leis solicitadas pelo próprio interesse público era o que competia ao Estado."

O prestígio de Getúlio Vargas e sua mulher entre os habitantes do morro

"O nome do Presidente Getúlio Vargas, quer do homem, da mulher ou da criança do morro tem uma delicada estima, uma permanente e emotiva lembrança que se funda na certeza da bondade, sem artificialidade, do 'seu Presidente', e só comparável à de sua digna esposa, que para toda essa gente é personagem tutelar."

A origem da Favela:

"A favela tem a sua toponímia ligada à chamada 'guerra de Canudos'. Terminara a luta na Baía. Regressavam as tropas que haviam dado combate e extinguiram o fanatismo de Antônio Conselheiro. Muitos soldados solteiros vieram acompanhados de 'cabrochas'. Elas queriam ver a Corte..."

Esses soldados tiveram que arranjar moradas. Foram para o antigo morro de São Diogo e, aí, armaram o seu lar. As 'cabrochas' eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de Monte Santo, naquele Estado. Falavam muito, sempre da sua Baía, do seu morro. E ficou a Favela nas terras cariocas. Os barracos foram aparecendo, um a um. Primeiro, na aba do Providência, morro em que já morava uma numerosa população; depois, foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nascera a Favela. 1897."

O surgimento e a transformação do 'malandro' (em sambista)

"Dando baixa, os soldados, pela falta de trabalho, que constituía crise séria na época, continuaram na colina. Surgiu, então, o 'malandro',

pejorativo profundamente injusto para homens que queriam trabalhar e não tinham onde, como ainda mais injusto o prêmio para brasileiros que acabavam de dar o sangue pela pátria.

O qualificativo 'malandro' corrompeu-se com o tempo. Agora designa o indivíduo esperto, que não se deixa iludir, e, também, não se lamenta, salvo quando a cabrocha abandona o 'barraco'...

Não é mais pois, o malandro, homem da desordem, que agride, que mata. A navalha e o revólver foram substituídos pelo pandeiro, pelo violão, pelo cavaquinho. É tangendo esses instrumentos que ele 'desacata'. Aquele tipo clássico, de calças largas e inteiriças, de salto carrapeta, chapéu de banda, desapareceu, civilizou-se. No lugar do lenço, a gravata. Não senta mais à beira do barranco para compor sambas. Vem para a Avenida. Vem fazê-los à mesa do Nice. Usa roupas de bom alfaiate.

A transformação foi completa. E explicável. Facilmente explicável. Valorizou-se a música popular. Habilidades foram aproveitadas. O povo canta. Os salões repetem. Dão sua arte, seu talento à poesia, à música popular, nomes de realce. O povo, que é sempre justo, aprecia, sente no interessante 'argot' das trovas musicadas, nos queixumes e nas alegrias dos cancioneiros 'do morro' toda a policromia da própria vida que passa na simplicidade da verdade, que dia a dia nos depara."

A vingança do homem da favela: a música

"O homem das favelas, agora, vinga-se, zomba batendo chapéu de palha e tangendo o 'pinho', orando à luz da lua, cuja luz entra pelos buracos do zinco, iluminando todo o 'barraco'...

A bondade dos que governam influe, reflete-se direta e profundamente na consciência popular."

"SAMBA - A GÊNESE DESSA CANÇÃO POPULAR" (que para o autor não nasceu na favela)

"Mulata da Baía... saias de renda... requebros...

Daí, talvez, o atribuir-se ao morro a origem do samba, nestas terras. A gente do morro só se preocupou com esse ritmo depois da 'gente da cidade' haver composto alguns sambas.

(...) **Em linguagem africana é queixume como adoração.** E do rito Jurubana, da Macumba, que, na Baía, tem grande divulgação. Foi do grande estado nortista, que o recebera do Congo, ainda na sua primitiva barbaria. A terra do Sr. do Bonfim soube, porém, condimentá-la para mandá-lo de presente aos cariocas...

O ambiente do morro renovou, revificou, mesmo, essa canção popular. Também na terra do angu deixara os 'terreiros' das 'macumbas' e fora para as folganças do povo. Tornou-se um amálgama de coisas de 'candomblé' e carnaval. Chiste, mofina, sátira.

Qual samba que não tem esses 'condimentos' ?

Ilustrando ainda mais a origem, os afrólogos explicam que a 'chula' integra o samba. Aquela dança, movimentada, quente, buliçosa, que os palhaços dançavam com as pernas em arco, era um dos números de maior sucesso nos circos de cavalinhos. O 'clown' que melhor dançasse a chula era o preferido da platéia. Benjamin de Oliveira, o mais velho dos palhaços vivos - 70 anos de idade e mais de 50 de picadeiro - foi exímio dansarino de 'chula'.

Era natural, ritmo popularíssimo, melodia fácil - o carnaval é disso um exemplo - o samba, em que se falava tanto de 'malandro' e 'malandragem', que o homem do morro, por **fatalidade atávica**, dele fizesse música caracteristicamente sua.

Chiquinha Gonzaga, Sinhô, Eduardo Souto, os velhos, Ari Barroso, Freire Jr., os novos, como outros autores da melodia tão popular nunca moraram na Favela. Nem uma só vez - quem sabe ? - subiram os caminhos tortuosos e escorregadios que vão dar na 'Pedra Lisa' ou no 'Grotão' ...

Foi Sinhô quem compôs o primeiro samba no Rio. Entre todos, esse compositor era o melhor. Era o que mais flagrantemente sabia aproveitar os motivos populares. Eduardo Souto é mais músico que trovador, na verdadeira compreensão do termo. Chiquinha Gonzaga só mandava, na maioria, para o povo suas músicas admiráveis através do teatro. **Mas Sinhô fazia tudo na rua, entre o povo. Numa mesa de botequim, numa noite de boêmia,** compôs 'Malandragem', dos seus maiores sucessos. Sucesso tão grande que serviu de tema para outros inúmeros sambistas sem igual inspiração.

O primeiro samba, em que se falou da Favela, nasceu de um processo em que o saudoso compositor traduziu toda a angústia dessa gente. Realmente, o prefeito Carlos Sampaio pretendeu dar a esse morro o mesmo destino que dera ao do Castelo.

Pois sim! ... O poeta, então, cantou:

Minha cabrocha
A Favela
Vai abaixo
Isso é obra do despeito
Da flor sumítica
E amarela.

Essa 'flor sumítica e amarela' era o 'homem da cidade'...

Maus políticos, os que iludiam a consciência do povo, esses tinham, no samba, o verdadeiro 'tribunal popular'. Fosse qual fosse. Muitas marchinhas carnavalescas e não carnavalescas valeram mais, muito mais do que vários discursos de esbofados oradores, quer os pronunciasse na antiga Cadeia Velha, quer no velho palácio do Conde dos Arcos.

O povo sabe bem o que quer..."

"Samba lembra 'bamba', que se atribue, igualmente, à Favela. É da mesma origem africana. Em livros de assuntos afro-brasileiros encontramos páginas inteiras sobre o 'bamba'. **É nacional do Congo. Significa homem muito forte, destemido, agressivo mesmo.** Lenda deveras interessante. E ao valente de verdade se aplica bem essa denominação. É um gigante e, cada passo que dá, anda uma légua..."

Verdadeiramente do morro é a batucada [pernada], que é diferente do samba

"Do morro, legitimamente, é a batucada. O samba é dolente. Arrastado. Preguiçoso. Mas a batucada é ação, agilidade, destemor. Ela foi preocupação máxima dos antigos capoeiras. Um batuque, quase sempre, valia por um duelo de morte. Tinha tôda a rudeza da maldade, da sanguinolência. Essa herança o tempo desvirtuou, p.20 apagou-lhe a selvageria. Tornou-se mero divertimento, em que o homem do morro mostra não só habilidade coreográfica, como destreza, vigor físico.

Forma-se uma roda. A mulher também entra. (Há algumas que batucam melhor do que os homens...) Os tamborins, pandeiros, recos-recos e a popularíssima cuíca fazem a cadência, acompanham o cantor que tem como que orgulho de si mesmo. Os parceiros, um a um, experimentam os da roda. Fortes joelhadas. O corpo bamboleia. O mais forte, o mais 'bamba' o substitui no meio do círculo. É assim, corre toda a roda. Horas e horas seguidas, sem cessar, a batucada enche o ar com a sua cadência, as suas canções.

Hoje, a batucada é a maior atração do carnaval da Praça Onze. De todos os morros, de todas as favelas descem grupos festivos, fantasiados, cores alegres, mulheres de saias vermelhas, azúes, verdes, muito rodadas, muitos colares, balangandãs...

Todos esses batuqueiros reúnem-se no 'salão de festas da Favela', durante quatro dias e outras tantas noites. Ordem absoluta. Prazer imenso. Constituem essas festas, até, número de turismo dos mais admiráveis e admirados.

O Govêrno faz bem. É festa legítima do povo. E só é alegre quem é feliz."

"O salutar efeito das leis. O SALÁRIO MÍNIMO NA ECONOMIA DAS FAMÍLIAS DOS MORROS"

"Se alguém, como nós, conhecendo os morros cariocas, as suas populações, não os tenha visitado nestes últimos dez anos, voltasse agora a visitá-los, teria a maior das surpresas. Os casebres, na maioria, deixaram de ser valhacoutos de criminosos costumeiros. São, hoje, lares, embora modestos, moradas de famílias, muitas com prole numerosa. O 'mulato bamba', a 'cabrocha desabusada' são meros motivos de trovas populares. Não mais emblemam as favelas da cidade. Os próprios 'bambas'

se corrigiram, envolvidos que foram pelo novo ambiente, pelos exemplos oriundos da justa assistência dada pelo Estado. Todo homem, toda coisa é perfectível. Dê-se-lhe direção, orientação."

Obs: Na p.12 o autor diz: "Conhecemos há 3 décadas a Favela. Tê-mo-la subido e descido constantemente"

"Uma grande obra urbana O DESMONTE DO SANTO ANTÔNIO / CUMPRINDO UMA SENTENÇA CENTENÁRIA - AMPLIANDO A CIDADE"

"O morro de Santo Antônio tem dado muito trabalho à administração pública e à justiça. Isto é, deu, não dá mais."

(...)

"Em 1852, por não precisar o convento dele, o morro foi vendido pela quantia de 180 contos. Depois houve vários donos.

Graças à nova ordem imposta nas coisas públicas, foi, agora, lavrada sentença do desaparecimento. Lavrada, propriamente, não. Confirmada. Todo o morro pertence à União.

O Santo Antônio já é considerado trambolho há séculos...

A necessidade de arrazá-lo [sic] é séria cogitação **em nome da higiene, da comodidade, de 'arejar a cidade'**, desde os princípios do século XIX. Há frequentes referências nesse sentido. Em 1850, o Rio fora assolado pela febre amarela. (...) Por esse motivo as autoridades, principalmente sanitárias, mais se preocuparam com o problema da **ventilação urbana, a higiene coletiva**. É velhíssima, pois, a sentença de destruição do monte. Sobeja razão. **A cidade já precisava de espaço vital...** Realmente, quando se transita pelas movimentadas avenidas, pelas praças amplas, claras, permanentemente lavadas de ar em liberdade, entre os majestosos arranha-céus da Esplanada do Castelo, que ainda se levantam entre muitos outros, é que se sente, que se pode prever o que o Rio será, ao vir ganhar mais o espaço do morro de Santo Antônio.

(...)

A nova área terá limites em Senador Dantas, Carioca, Pedro I, Lavradio, Arcos, Evaristo da Veiga."

"**Era uma favela** o Santo Antônio,

em pleno coração da cidade. Casebres de lata, ocupados então por gente perigosa, remanescentes dos 'capoeiras'. No Governo Rodrigues Alves. Começa a remodelação da cidade pelo prefeito Passos. Frontin rasga a Avenida, 1800 metros entre casario compacto. Outra, orlando o mar. Em todos os cantos ressoam ecos das ferramentas transformadoras. A cidade torna-se de bonita em estonteantemente bela.

E a favela do Santo Antônio ? Ficaria ? Não era possível. Ali, encostado ao morro, o Lírco. Os 'malandros', naquele 'ginga-ginga', a misturar-se com as cartolas dos grandes elegantes... a Guarda Velha, também ao lado... muito pensar deu ela ao grande prefeito. Muitas vezes

Pereira Passos, vestido no seu fraque e de chapéu côco - indumentária absolutamente igual à do seu grande colaborador - mestre Frontin - parou a olhar aquela favela, aquela gente, a subir, a descer, latas à cabeça, pela enlameada ladeira... Que fazer ? Onde pôr tanta gente ? Certa noite, tôda cidade se alumiou pelas chamas, que lambiam, destruíam rapidamente os casebres. Incêndio voraz*. Foi assunto para jornais, dias seguidos.

Houve quem levantasse suspeita sobre a origem do fogo. Teria sido ateadado propositalmente. E o interessante é que o saudoso prefeito fazia tanto caso do sórdido aleive, que dizia:

- O fogo é o meu melhor auxiliar para reformar a cidade."

* Foi em 1916, ver p.58 deste livro.

Os planos para o morro de Santo Antônio em 1921:

"Em 1921, período da 2ª fase da remodelação da capital, houve projeto de abertura de um túnel. Essa passagem seria do largo da Carioca à praça dos Arcos. Chegou, mesmo, a ser decretado o necessário crédito para essa vultosa obra.

Mas, não foi além. Também, na mesma época, outro [plano], o de vários embelezamentos. Já a favela tinha desaparecido de todo [ironia], por ordem expressa do Presidente Epitácio. Para o rei Alberto não ver..."

[Porto Artur] Durante a Revolta da Vacina*: o canhão do morro da Mortona

"É nesse estado de coisas, nessas horas de inquietação que corre pela cidade a terrificante notícia:

Sobre um dos morros, um grupo de homens havia armado um canhão, assestando-o contra a cidade !

- Que morro ?
- O da Mortona !

As praças, as ruas, os morros, todo o lugar donde se pudesse olhar a improvisada fortaleza, se cobriu de gente curiosa. Profunda emoção. Aquela gente sacrificaria a cidade ! ...

Mas, que gente seria essa ? E tão bem armada ?

A imaginação popular voou largamente tangida pela fantasia. Muita lenda surgiu.

Até a madrugada os curiosos não arredaram pé dos mirantes.

Estávamos a 14 de novembro. Em todos os cantos da cidade não se falava de outra coisa - o canhão da Mortona. A vida da cidade quase paralisara. Não se pensava noutra coisa. Passa-se a tarde, passa-se a noite. A manhã seguinte.

Urgia cautelas. Nada de precipitações...

(...)

" 'PORTO ARTUR' - A MAIOR 'BLAGUE' CARIOCA

Retomemos o fio do canhão da Mortona. O título de 'Porto Artur' fôra dado por lembrar a resistência desse forte na guerra russo-japonesa.

Soam clarins. Rufam tambores. Na praça da Harmonia toma posição uma companhia do antigo 38 de infantaria. Do outro lado do morro, outra fôrça. Soube-se que o 'comandante' da fortaleza era um desordeiro terrível, o 'Camisa-Preta', capanga de irrequieto político. Tipo facinoroso. Eis que de repente circula uma notícia mais sensacional ainda do que o próprio canhão:

- Um popular conseguira galgar o morro sorrateiramente, e descobrira tudo. Qual canhão, qual nada ! Apenas um inofensivo combustor de iluminação colocado sobre um carrinho de mão!...
A mais notável 'blague' carioca."

* Obs: O autor considera a Revolta da Vacina obra de agitadores e desordeiros; o item chama-se "A Mortona. (...) A maior 'blague' carioca"

A velha malandragem a serviço dos políticos e em nome da falsa 'soberania popular':

"Até o advento do Novo Regime a 'soberania popular' era rótulo de mercadoria falsificada, contrabandeada por grupos diversos, que, por trás da bandeira da 'salvação dos direitos sa-

p.50 grados do povo' - liberdade, justiça, etc. etc. - mascaravam os interesses pessoais. Demonstremos. O valente, o homem destemido, para quem a vida pouco valia, quer fosse a sua, quer a do próximo, era elemento precioso para os políticos. Quem acompanhou, assistiu em tais tempos eleições, sabe bem que a maioria dos políticos tinha a seu serviço uma malta de desordeiros, de gente para 'o que desse e viesse'. Valente que matasse outro valente tornava-se 'persona grata' para certos chefes de partido. Tornava-se seu íntimo. Comia à mesma mesa. Essa ostentação era cartaz com que acenavam a outros políticos contrários ao seu grupo. Permitam o *argot* [gíria] - para 'respeitem as caras' ...

À própria polícia - negava-se o direito de manter a ordem. Era reduzida à função de simples espectadora. A 'soberania do povo'...

Desse modo venciam por vezes as eleições, não quem reunia maior número de votos, que saísse das urnas, mas quem contasse com mais tiros, que saísse das armas dos valentes postados às portas dos colégios. O cidadão honesto, o elemento legítimo da sociedade, o homem útil, que, além do mais, tinha amor à vida, à tranquilidade, não participava dessas manifestações cívico-políticas. Os mais pacatos nem de casa saíam...

Isso numa cidade civilizada. Na capital da República..."

Os principais malandros a serviço de políticos estavam na Saúde. Como agiam.

"Na Saúde vicejaram as mais preciosas flores desse jardim. Gente da estirpe de Bulldog, Galeguinho, Sapateirinho, Zé Moleque, Gabiroba, Corneta Gira, como em outras bandas, Zé do Senado, Pernambuco, vários baianos, vários Cabeleiras, vários Mulatinhos, muitos outros iguais estiveram sempre a serviço dos políticos de profissão. Não havia dèstes

nenhum chefe de paróquia, que, nos dias de eleição, não levasse de reboque uma malta de tal gente. Quiséssemos nós, e encheríamos páginas com episódios sangrentos desses dias, em que o cidadão devia exercer o seu dever cívico. Cabo Malaquias foi capanga-mestre de um político que se celebrizou não só pelos grandes e nunca negados talentos como por conhecer, ele próprio, a arte de dar cabeçadas e passar rasteiras... Desse grupo eram 'Cardosinho' e 'Gaguinho', ambos tipos perfeitos de criminosos. Ainda há muitos anos, residia na Saúde e era aí estabelecido um indivíduo, sôbre o qual a polícia mantinha permanente vigilância, do qual dependeu a vitória eleitoral de determinado político. **Quem ficasse com os livros venciu a eleição.**

Era assim que a 'soberania popular' se manifestava. A lenda era 'ou voto, ou tiro'. Mas, tudo isso acabou. Era no tempo do 'Camisa Preta'..."

História do surgimento da **Mangueira***:

"Até mil novecentos e pouco era matagal completo. A propriedade das terras era de Saião Lobato. Agora é condomínio. Chamava-se, então, Morro do Telégrafo. O nome que tem hoje proveio da estação da Central do Brasil. Em 1908 era prefeito do Distrito Federal o general Serzedelo Correia. Resolveu reformar a Quinta Imperial, hoje da Boa Vista. **Cidadão pacato, que tivesse amor à vida, não passava por aquele local, nem mesmo de dia. Nele se homiziava tôda casta de facínoras.** Justificou a idéia de extermínio desse reduto perigoso a instalação do Horto Florestal**. Obra de duplo efeito. Serzedelo Corrêa meteu mãos à obra de reconstrução do majestoso parque, que Antônio Lopes, rico negociante português, presenteara a D.João VI para sua real morada. Dentro da imensa vegetação tinha quartel o 9º Regimento de Cavalaria, de que era comandante, o bravo Joaquim Inácio. Em derredor, casas em que moravam soldados e civis. Essas casas tinham de ser demolidas. Tudo se arranhou bem. Numa delas residia o cabo-ferrador Cândido Tomaz da Silva, o 'Cardosinho'. Ao receber ordem de mudar-se, procurou ele seu comandante. O saudoso e severo soldado, de coração magnânimo, resolver dar, não só ao cabo como aos outros soldados que tivessem família, **o material das demolições para que levantassem novas moradas**, noutras bandas. 'Cardosinho' escolheu o morro da Mangueira. Foi êle, pois, o primeiro morador dessa colina. Logo depois, outros barracões apareceram, cobrindo o chão do antigo morro do Telégrafo. Surgia outra cidade-presépio***. Deram-lhe a alcunha de 'Petrópolis dos Pobres'..."

Em 1916, houve o incêndio no Santo Antônio, a que aludimos noutra crônica. Os moradores tiveram permissão para se transferirem para a Mangueira****.

Da Favela, com a derrubada de casebres junto às linhas férreas, ainda novos moradores foram para lá. Hoje é um dos morros mais habitados.

Muitas ameaças houve sôbre a cabeça des-

p.59 sa pobre gente. Ora, uma intimação judicial de desocupação dos casebres em curto prazo; ora um projeto de obra pública, envolvendo desapropriações no morro. Mas, o provérbio de que 'a corda rebenta pelo lado mais fraco' saiu errado. Recentemente, um magistrado, estudando profundamente o caso, deu à gente da Mangueira o direito de morar. Era a última palavra. Houve, nesse dia, grande festa de regosijo no morro."

*Obs: O título do capítulo é: "A MANGUEIRA ESPELHANDO A SUA ALEGRIA NAS CANTIGAS POPULARES - TAMBÉM ESSE MORRO TEM ASSISTÊNCIA DO ESTADO."

** O autor parece dizer que o Horto foi uma desculpa, um pretexto, e que o verdadeiro objetivo era acabar com o "antro".

*** Que expressão fantástica: espírito cristão diante da pobreza sagrada ?

**** Ainda hoje, 1999, uma das localidades de Mangueira chama-se Santo Antônio, se eu não me engano, residência de C.Cachaça.

Mangueira: lugar de destaque no samba*

"No seio do samba a Mangueira tem lugar de destaque. Tem sido motivo para várias canções populares bem interessantes. Por isso mesmo disse um cantor:

Em Mangueira
Na hora da minha despedida
Todo mundo chorou

Outro:

Quem vai a um samba,
Em Mangueira,
Chorando fica a noite inteira

Mas, não se pense, não se julgue que o pessoal é triste. O povo é bem alegre. É tradicional o seu grupo carnavalesco 'Estação Primeira'. A maior parte dos nossos cancioneiros populares gosta desse morro, pondo-o e sua gente na cadência do sammba."

* Seria coincidência esta boa-vontade toda com a Mangueira por parte do Estado Novo e a importância musical de Mangueira ? Um exemplo da transformação de malandros em sambistas (ver texto seguinte) ? Sem falar no fato de que Mangueira não ficava no centro da cidade...

Ação benéfica do Estado Novo em Mangueira*:

"O que vem acontecendo nos outros morros, ditos 'favelas', também o sente o da Mangueira. Lá têm ido serventúrios da Assistência Social** para minorar o lado mau da vida de tanta gente.

Nesse morro, como era de esperar pelo amparo que lhe dá o Estado, verifica-se também um fenômeno digno de mencionar-se: os casos de

natureza policial diminuem consideravelmente. É a civilização que sobe o morro...

Ajudados pela justiça, certos de que não serão surpreendidos pelo meirinho, que os vá pôr para fora de seus barracões, muitos proletários levantam moradas definitivas*** nesse morro. Já há escola para os seus filhos e outros cuidados do Estado.

Há pouco mais de dois anos foi construído um novo lance do viaduto de São Francisco Xavier, aonde vai Ter a rua Visconde de Niterói. Essa rua circula a colina. Logo apareceram algumas novas lojas de comércio, tendo sido o logradouro melhorado. É iluminado a eletricidade.

Há razão**** para os habitantes da Mangueira cantarem aqueles versos no ritmo da música tão do seu e do gosto carioca:

Não há, sim, nem pode haver
Como em Mangueira não há;
Nosso samba vem de lá
Nossa alegria também.

Gente feliz, porque canta."

* Nisso o E.N. se parece com o populismo brizolista: elege alguns morros mais famosos para empreender ações mais conspícuas.

** Ver, p.ex., pp.24-28 em que se fala de ações de assistência social e médica nos morros do Querosene, e 'Rocinha'

*** O mesmo aconteceu na década de 80... Vagalume já havia notado esta característica de Mangueira oito anos antes em seu **Na roda do samba**.

**** Como se o samba e a alegria de Mangueira tivessem surgido com o Estado Novo...

Louvor final* à obra do Estado Novo nas favelas através do exemplo do Largo da Memória**:

"O panorama das 'favelas', dos morros cariocas, mudou completamente nestes dez anos. Garantimos essa afirmação, após a peregrinação que fizemos por esses núcleos.

A eliminação dessas 'chagas sociais', desses 'centros criminosos' se tem de fazer lenta e naturalmente, pelo avanço irreprimível da civilização.

Aí vão as provas reveladas pelos números. Dentre **livros de registro, mapas, quadros estatísticos*****, tomamos o relatório de uma das menores 'favelas' e na qual, também, os benefícios do Governo não se tem feito sentir em menor escala, a do Leblon, do Largo da Memória. É uma exposição interessantíssima pelas revelações justas que o chefe do respectivo Centro Social**** alinha com algarismos.

Na severidade da linguagem oficial dessas informações, há muito que lobrigar da grandiosa obra social do novo Governo.

Esplêndidos efeitos das leis feitas com o coração.

Naquele local há **300 barracões**. Abrigam-se neles nada menos de **1.200 criaturas** ****. Antes de tudo, o aspecto geral foi mudado. **Melhoraram e caíram os barracões**. Eliminaram-se certos inconvenientes relativos à higiene coletiva.

Um detalhe interessante: **em 1934 tiveram começo as obras do canal. Houve, então, uma tentativa de dispersão da população residente nas imediações*******, designando-se vários lugares para isso. O problema quase ficou resolvido. Mas, ao chegar a certo ponto, não foi mais possível prosseguir com medidas tão radicais. O aconselhável era remediar o mal, o que aconteceu. Os próprios operários das obras do canal, em grande número, instalaram-se no local, construindo barracões. Dois anos depois, i.e. em 1936, inaugurado o hospital Miguel Couto, tôda aquela gente se valia, imediatamente, da assistência médica, fazendo-se, ainda, profilaxia de determinadas enfermidades. Não houve uma família que não tivesse, pelo menos, um membro em tratamento no modelar estabelecimento. Muita saúde se restabeleceu. Muita vida se salvou."

* O capítulo intitula-se: "RECAPITULANDO 15 MIL PESSOAS SOCORRIDAS - O EXEMPLO DOS FATOS - AS LEIS FEITAS COM O CORAÇÃO"

** Curiosamente, vai ser incendiada por "Henriquinho" Dodsworth em 1942, no ano seguinte; o E.Novo desistiu de melhorá-la ?

*** Creio que foi a primeira vez que se fez um levantamento deste tipo com alguma favela carioca, 44 anos após seu surgimento...

**** Centro Social ? do Governo ?

***** Sempre a média de 4-5 pessoas por 'barraco', nada de amontoados, ao contrário do que se pensa; ainda hoje, em Acari, a média é exatamente essa;

***** "dispersão da população", i.e.: "remoção"

Informações de cunho econômico sobre a população do Largo da Memória:

"Continua a informação oficial, ilustrada sempre com quadros estatísticos, mapas minuciosos etc:

'A maioria das famílias tem ao dispor de 100\$000 mensais ou sejam 3\$400 por dia, o que é razoável numa família operária*!

E há, ainda, outras, 107 sobre 255**, em que a média é mais elevada. Os casos de miséria, propriamente dita, não atingem a 10%, casos esses que as autoridades procuram solucionar com o encaminhamento à secção de reemprego, a exemplo do que se faz em outras favelas !

A quase totalidade dos barracões pertence aos seus moradores. É que se acabou a exploração ignóbil de improvisados 'proprietários' diante das providências das autoridades. Os demais são alugados por preços que variam entre ... 30\$000 e 70\$000 mensais***. Os que construíram gastaram entre 400\$000 e 600\$000. Também há vários casos que custaram mais de um conto de réis.

O montante do custo dos barracos sobe a cem contos de réis.

Essa gente não viverá com muito conforto, mas tem tranquilidade relativa na vida."

* Isto dá, supondo-se uma família de 4 pessoas, todas trabalhando, 400\$000 por mês contra 720\$000 do salário mínimo;

** São 255 ou 300 famílias ?

*** Até 10% do salário-mínimo, portanto;

Largo da Memória "Aspecto social - profissões"

"O aspecto social-trabalhista oferece detalhes não menos impressionantes.

Apuraram as investigações transformadas em algarismos, que a população - não se esqueçam de que estamos tratando de uma das menores favelas cariocas - se constituiu de modo seguinte

Comerciários, inclusive pequenos comerciantes	41
Operários especializados (carpinteiros, pedreiros)	56
Funcionários municipais.....	28
Trabalhadores braçais	17
Militares	12
Sem colocação	36

Vê-se que a quantidade de desempregados é relativamente mínima*.

* Não acho, pois o total dá 190, dos quais 36 "sem colocação", o que dá quase 19% do total dos trabalhadores ! A não ser que ele esteja estabelecendo uma comparação com aquilo que se imaginava: de que todos fossem "parasitas".

Largo da Memória - dados da Assistência Social:

"Nas visitas constantes e cuidadosas dos funcionários da Associação Social aos barracões, foram realizados trabalhos que podem ser traduzidos no seguinte quadro:

Encaminhados aos hospitais para tratamento*	94
Encaminhados às escolas*	141
Recolocação	38
Exames de saúde e vacinação	64
Encaminhamento para o registro civil (inclusive adultos)	11
Internação em hospitais	9

* Acho ambos estes números altíssimos para uma população com cerca de 1 200 pessoas.

Conclusão sobre o Estado Novo e as favelas:

"Nas favelas do Distrito Federal, em geral, já foram amparadas mais de 15 mil pessoas. Não é possível exigir-se mais do Estado. O Governo não tem regateado assistência à gente das favelas e as compensações morais e sociais são gigantescas. Profundamente humanas.

As populações desses lugares têm razão de pronunciar o nome do Presidente Getúlio Vargas com respeito e veneração. É o que elas fazem."